

8. Dessemelhanças entre os poetas

*I am satisfied I see, dance, laugh, sing;*⁸⁶

*Wondering amazed at my own lightness and glee,*⁸⁷

Walt Whitman

Que foi todo o meu ser? Uma grande ânsia inútil –

Álvaro de Campos

Um dos aspectos que de imediato nos chama a atenção quanto à dessemelhança entre os poetas estudados, é o que se refere à preocupação de cunho social. Muito embora a poesia de Whitman não seja exatamente o que se pode chamar de ‘engajada’, percebe-se em seus poemas uma temática que inclui a situação de abandono em que viviam as camadas menos favorecidas da população: índios injustiçados e arrancados de suas terras, escravos negros explorados nas plantações de tabaco, arroz e algodão e a imensa população de imigrantes europeus, sobretudo irlandeses famintos, que era despejada no nordeste dos Estados Unidos, todos eles alvos de discriminação e xenofobia. Whitman os acolhe em seus poemas, mostra a humanidade em todos esses povos. Essa solidariedade com os menos afortunados e oprimidos por uma elite que os via apenas como meios de atingirem seus objetivos de geração de riqueza, não a encontramos em Pessoa. Em Caieiro, por exemplo, vê-se uma indiferença bastante afetada no que concerne às questões de injustiça social, tal como no poema XXXII d’*O Guardador de Rebanhos*, onde observamos exatamente o oposto, a indiferença diante das questões sociais e o não envolvimento do poeta que diz:

Ontem à tarde um homem das cidades
Falava à porta da estalagem.
Falava comigo também.
Falava da justiça e da luta para haver justiça
E dos operários que sofrem,
E do trabalho constante, e dos que têm fome,
E dos ricos, que só têm costas para isso.
E olhando para mim, viu-me lágrimas nos olhos

⁸⁶ Estou satisfeito vejo, danço, rio, canto;

⁸⁷ Vagando surpreso com minha própria leveza e felicidade,

E sorriu com agrado, julgando que eu sentia
O ódio que ele sentia, e a compaixão
Que ele dizia que sentia.

(Mas eu mal o estava ouvindo.
Que me importam a mim os homens
E o que sofrem ou supõem que sofrem?
Sejam como eu – não sofrerão.
Todo mal do mundo vem de nos importarmos uns como os outros,
Quer para fazer o bem, quer para fazer o mal.⁸⁸

Há vários poemas de Whitman em que este se coloca como o portador das várias vozes minoritárias. Escolhemos um trecho de *Song of Myself* onde fica bem evidenciada essa proposta. Para enfatizar essa intenção, o poeta faz uso da repetição no início de cada verso da palavra “voices”⁸⁹ criando um eco, que dá amplitude à idéia e reforça seu grito.

Through me many long dumb voices,
Voices of the interminable generations of slaves,
Voices of prostitutes and of deformed persons,
Voices of the diseased and despairing, and of thieves and dwarfs,
Voices of cycles of preparation and accretion,
And of threads that connect the stars – and of wombs, and of the fatherstuff,
And of the rights of them the others are down upon,
Of the trivial and flat and foolish and despised,
Of fog in the air and beetles rolling balls of dung.⁹⁰

Também em Campos pode-se encontrar essa temática, mas destituída de uma real solicitude, pois, segundo Berardinelli, ela aí está para reforçar seus próprios conflitos internos, sua angústia existencial. Citando suas palavras: “*Ainda quando parece voltar-se para os problemas humanos, o que vê neles é tão-somente um alargamento dos seus, um reflexo de suas preocupações.*”⁹¹ Ou ainda, diríamos, tais

⁸⁸ PCAC, p. 57.

⁸⁹ vozes

⁹⁰ *Leaves of Grass*, p. 76.

Por mim passam muitas vozes mudas há tanto tempo,
Vozes das intermináveis gerações de escravos,
Vozes das prostitutas e pessoas deformadas,
Vozes dos doentes e desesperados e dos ladrões e anões,
Vozes dos ciclos de preparação e acreção,
E dos fios que conectam as estrelas – e do útero e do sêmen paterno,
E dos direitos dos que são oprimidos pelos outros,
Dos deformados e insignificantes e tontos e imbecis e desprezados,
Do fog no ar e besouros rolando bolas de bosta.

⁹¹ BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos de literatura Portuguesa*. Rio de Janeiro: Casa da Moeda, 1985, p. 234.

problemas seriam abordados apenas para uma constatação da pluralidade da vida, da amplitude do universo que tudo abarca, para que mais uma vez tudo possa ser sentido de todas as maneiras. Exemplifiquemos com uma passagem da *Ode Triunfal*:

A gentilha que anda pelos andaimes e que vai para casa
 Por velas quase irreais de estreiteza e podridão.
 Maravilhosa gente humana que vive como os cães,
 Que está abaixo de todos os sistemas morais,
 Para quem nenhuma religião foi feita,
 Nenhuma arte criada,
 Nenhuma política destinada para eles!
 Como eu vos amo a todos, porque sois assim,
 Nem imorais de tão baixos que sois, nem bons nem maus,
 Inatingíveis por todos os progressos,
 Fauna maravilhosa do fundo do mar da vida!⁹²

Se não demonstra muita preocupação com os menos afortunados, parece importante para Campos apontar falhas concernentes à futilidade da burguesia que passa seu tempo nos cafés e bares, “*Nos cafés – oásis de inutilidades ruidosas*” [...] “*Luzes e febris perdas de tempo nos bares, nos hotéis*”. E antecipa mesmo uma crítica à sociedade de consumo, que já naquela época começava a existir: “*Ó fazendas das montras! ó manequins! ó últimos figurinos! / Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar*”.

Outra diferença que se percebe, e aqui ainda falamos de Campos, diz respeito ao anseio de fusão sobre o qual discorremos acima. Percebe-se que esse anseio de união que ocorre em um é diferente do que permeia o poema do outro. Walt Whitman nos parece muito mais ingênuo e puro em sua proposta de integração com o universo, revelando nessa atitude resquícios de romantismo; enquanto Álvaro de Campos demonstra histerismo, masoquismo e uma ânsia de desintegração da identidade no Universo, que não estão presentes em Whitman.

Whitman tem passagens bastante dolorosas e pungentes, mas, como vimos, é para demonstrar sua solidariedade com o sofrimento humano, da mesma forma que, em sua vida, assistiu e cuidou dos soldados feridos na Guerra Civil Americana de 1864. Após uma tempestade no mar, diz: “*I am the man I suffered I was there*”⁹³ ou ainda em vários outros momentos, na mesma parte do poema:

⁹² PAC, p. 25.

⁹³ *Leaves of Grass*, p. 96.

Eu sou o homem eu sofri eu estava lá.

I am *satisfied* I see, dance, laugh, sing;⁹⁸

Swiftly arose and spread around me the *peace and joy* and knowledge that pass
all the art and argument of the earth;⁹⁹

I exist as I am, that is enough,
If no other in the world be aware I sit *content*,
And if each and all be aware I sit *content*¹⁰⁰

I merely stir, press, feel with my fingers, and am happy,¹⁰¹

No array of terms can say how much I am *at peace* about God and about death.¹⁰²

Mais uma vez recorremos a Eduardo Lourenço, que em seu elucidativo capítulo dedicado à percepção que Pessoa teve de Whitman, e a que já nos referimos antes, estabelece uma comparação entre eles, a partir do ponto de vista da corporalidade. Whitman, de forma audaciosa e única na literatura até aquele momento, canta o êxtase e a glória das percepções que surgem através de seu corpo, que tem para ele a mesma importância que a alma: “*I have said that the soul is not more than the body,/ And I have said that the body is not more than the soul*”,¹⁰³ Dedicando mesmo especial atenção ao órgão sexual, como se verifica nos seguintes versos, nos quais, numa repetição mântica – *it shall be you*¹⁰⁴ – enaltece o falo e o prazer que dele advém:

Divine am I inside and out, and I make holy whatever I touch or am touched
from;

The scent of these arm-pits is aroma finer than prayer,

[...]

If I worship any particular thing it shall be some of the spread of my body;

Translucent mould of me it shall be you,

[...]

Louco para que ela faça amor comigo.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 47.

Estou satisfeito....vejo, danço, rio, canto;

⁹⁹ *Ibidem*, p. 49.

De repente se ergueram e grassaram à minha volta a paz e a sabedoria que superam toda arte e argumento desta terra;

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 70.

Existo como sou, isso me basta,

Se ninguém mais no mundo está ciente, fico contente,

E se cada um e todos estão cientes, fico contente.

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 83.

Apenas mexo, aperto, sinto com os dedos e fico feliz,

¹⁰² *Ibidem*, p. 126.

Não há seqüência de palavras para dizer como estou em paz em relação a Deus e à morte.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 125.

Disse que a alma não é maior que o corpo,

E disse que o corpo não é maior que a alma,

¹⁰⁴ será você

You my rich blood, your milky stream pale strippings of my life;
 Breast that presses against other breasts it shall be you,
 [...]

 Root of washed sweet-flag, timorous pond-snipe, nest of guarded duplicate eggs,
 it shall be you,
 Mixed tussled hay of head and beard and brawn it shall be you,
 Trickling sap of maple, fibre of manly wheat, it shall be you;
 Sun so generous it shall be you,
 [...]

 Winds whose soft-tickling genitals rub against me it shall be you,
 [...]

 Hands I have taken, face I have kissed, mortal I have ever touched, it shall be you.

I dote on myself . . . there is that lot of me, and all so luscious,
 Each moment and whatever happens thrills me with joy.¹⁰⁵

Whitman, *poeta do corpo e da alma*, parece muito à vontade em relação às sensações produzidas por seu corpo. Extasiado diante de todas as funções provenientes da corporalidade, ele as celebra e reverencia. Seu corpo é a interface que estabelece o contato com o Universo que ele canta e glorifica. Afinal, senão pelos sentidos, que outra forma haveria de comunhão e integração com tudo? Ouça-mo-lo ainda, quando diz:

The smoke of my own breath,
 Echos, ripples, and buzzed whispers . . . loveroot, silkthread, crotch and vine,
 My respiration and inspiration . . . the beating of my heart . . . the passing of blood
 and air through my lungs,

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 77.

Sou divino por dentro e por fora, torno sagrado tudo que toco ou que me toca ;
 O odor dessas axilas é um perfume mais caro que uma oração,
 [...]

 Se venerar uma coisa mais que outra, será alguma extensão do meu corpo ;
 Translúcido molde de mim será você,
 Protuberâncias e planuras, firme arado masculino, será você,
 [...]

 Você, meu rico sangue, colostro de minha vida em jatos brancos ;
 Peito que aperta outros peitos, será você,
 Raiz de cálamo úmido, narceja tímida, ninho onde dois ovos se guardam com carinho, será
 você,
 Feno emaranhado de cabeça e barba e músculo, será você,
 Seiva gotejante do ácer, fibra de trigo macho, será você ;
 Sol tão generoso será você,
 [...]

 Ventos cujos genitais fazem cócegas quando roçam em mim, será você,
 [...]

 Mãos que segurei, face que beijei, mortal que um dia toquei, será você.

Estou maluco por mim há tanto de mim e tudo é tão delicioso.
 Cada momento e o que me acontece me enche de prazer.

Tenho febre e escrevo.
 Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
 [...]
 Por todos os meus nervos dissecados fora,
 [...]
 E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
 De expressão de todas as minhas sensações,¹¹⁰
 [...]
 Eu podia morrer triturado por um motor
 Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher possuída.
 Atirem-me para dentro das fornalhas!
 Metam-me debaixo dos comboios!
 Espanquem-me a bordo de navios!
 Masoquismo através de maquinismos!
 Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!¹¹¹
 [...]
 Deixa-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas,
 E ser levantado da rua cheio de sangue
 Sem ninguém saber quem eu sou!¹¹²

Observamos estas como sendo as principais diferenças concernentes à percepção e representação do real nas obras pesquisadas.

¹¹⁰ *PAC*, p. 19.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 23.

¹¹² *Ibidem*, p. 24.